

O verbo “parabenizar” no português brasileiro: etimologia, neologia e o problema do quasi-hápax em morfologia

The Brazilian Portuguese verb parabenizar:
Etymology, Neology and the quasi-hapax problem in Morphology

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7iespec.41149>

Bruno Oliveira Maroneze

Professor Associado I da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Tem graduação em Linguística/Português pela Universidade de São Paulo (2002), mestrado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2005) e doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2011).

E-mail: bruno.maroneze@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2821-9448>

Natival Almeida Simões Neto

Doutor e Mestre na área de Linguística Histórica pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia. Graduou-se em Letras Vernáculas nessa mesma universidade. No momento, realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Está também como professor substituto na Universidade Estadual de Feira de Santana e na Universidade Federal da

Bahia. Integra o Programa Para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR), realizando pesquisas sobre morfologia, léxico, antroponímia e semântica.

E-mail: nativalneto@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7972-2396>

Mário Eduardo Viaro

Professor livre-docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade de São Paulo e orienta nas especialidades Etimologia da Língua Portuguesa e Morfologia Histórica do Português. Bolsista PQ-1D pelo CNPq. Possui Graduação em Linguística / Alemão pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), Especialização em Tradução (língua alemã - CITRAT/FFLCH), Mestrado e Doutorado (área: Filologia Românica - DLCV/FFLCH) pela mesma universidade.

E-mail: maeviaro@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5714-1611>

RESUMO

O verbo *parabenizar* apresenta uma particularidade em sua formação: seu significado se difere do significado usual dos verbos formados com o sufixo *-izar*, que é o de “tornar X” (como *civilizar* – tornar civilizado). Neste texto, discutimos a formação e o significado de *parabenizar*, bem como sua história no português brasileiro, desde sua criação, em fins do século XIX, até os dias atuais, em que já não é mais sentido como neologismo. A partir da comparação com outros verbos em *-izar*, propomos considerar esse verbo como um quasi-hápax, por ser um dos poucos verbos em *-izar* cujo significado é “dizer ‘X’ a” (“dizer ‘parabéns’ a alguém”). Por meio de pesquisas em fontes *online*, recuperamos diversas atestações do uso desse verbo ao longo da história para mostrar como ele passa de neologismo, inicialmente regional, a verbo plenamente integrado à língua.

Palavras-chave: Derivação sufixal. Neologia. Difusão de neologismos. Sufixo *-izar*. Etimologia.

ABSTRACT

The Portuguese verb *parabenizar* (to congratulate) presents a specific trait in its formation: its meaning differs from the usual meaning of verbs formed with the suffix *-izar*, which is “to (make) become X” (like *civilizar* – to make become civilized). In this text, we discuss the formation and the meaning of *parabenizar*, as well as its history in Brazilian Portuguese, since its creation at the end of the 19th century, until nowadays, when it is no longer understood as a neologism. Through the comparison with other verbs in *-izar*, we propose to consider this verb a *quasi-hapax*, since it is one of the few verbs in *-izar* whose meaning is “to say ‘X’ to” (“to say ‘congratulations’ to someone”). Through research on online sources, we recovered many occurrences of its usage along history in order to show how it passes from neologism, initially circumscribed to a specific geographical area, to a verb fully integrated in the language.

Keywords: Suffixal derivation. Neology. Diffusion of neologisms. Suffix *-izar*. Etymology.

Introdução

Recentemente, em redes sociais, tornou-se conhecida uma discussão a respeito do uso do brasileirismo *parabenizar* entre falantes portugueses. Alguns se mostraram avessos a tal formação, para eles, neológica. Posicionamentos puristas contra neologismos não são incomuns, mas um levantamento de dados nos mostra que as primeiras ocorrências de *parabenizar* remontam ao final do século XIX e, no português brasileiro, há tempos, não é considerado um neologismo. No entanto, mesmo no Brasil, o verbo pareceu demorar para fixar-se como vocábulo comum do português brasileiro. Observam-se quatro fases nesse processo:

- a fase de novidade lexical (que ocupa um período indeterminado entre final do século XIX e início do século XX);
- uma aparente regionalização, associada a um uso formal (que se estende de por volta da década de 20 do século XX até a década de 60 do mesmo século);
- uma desregionalização, seguida de um emprego mais generalizado (da década de 50 do século XX até hoje);
- uma nova expansão, dentro da lusofonia, ocorrida a partir da década de 90 do século XX: fora do território brasileiro, esse item lexical é ainda sentido como neológico.

O presente artigo busca entender a etimologia desse item lexical, a composicionalidade do sufixo *-izar* presente nesse item, bem como as questões morfossintáticas relacionadas à sua regência. A formação do item *parabenizar* é bastante singular devido a uma novidade na derivação semântica do sufixo, o que proporciona não só a formação de hipóteses etimológicas que visem à solução do problema particular, mas também um problema teórico que envolve paradigmas unitários, questão recorrente na investigação do conteúdo semântico dos sufixos derivacionais.

Na seção 1 do artigo, apresentaremos uma breve descrição histórica do sufixo *-izar*, situando a criação de *parabenizar* no final do século XIX (1.1). Também trazemos a descrição de aspectos morfológicos e semânticos dos derivados em *-izar* (1.2) e de *parabenizar* especificamente, mostrando de que forma seu significado destoa das demais formações, tratando-se, assim, de um *quasi-hápx* (1.3). Na seção 2, passamos a descrever o percurso histórico desse verbo: sua criação neológica (2.1), seu uso inicial como regionalismo (2.2) e sua difusão por todo o País (2.3), encerrando com as considerações finais.

1. O sufixo *-izar* e o verbo *parabenizar*

1.1 Breve história do sufixo *-izar*

O sufixo verbal grego *-ίζω*, que formou o *-izare* em latim, era “extraordinariamente productivo em grego”, nos dizeres de Pharies (2002) e, dada a divulgação de algumas de suas formas, teria produzido formas populares em *-issare* ou em *-idiare*, que geraram itens lexicais em latim tardio e vulgar (por exemplo, vários exemplos com sufixo *-ear* e *-ejar* no português). Com base nas datas etimológicas do dicionário de Houaiss e Villar (2001) podemos observar que as formas verbais portuguesas medievais com *-izare* são praticamente as mesmas atestadas nas línguas românicas. Teriam nascido como cultismos e se vincularam a uma prática discursiva mais restrita, sobretudo a Religião e o Direito (MAURER JR, 1959; VÄÄNÄNEN, 1988). Os itens mais antigos no latim clássico ou medieval são de origem grega, como *baptizar* (grego βαπτίζω, via latim *baptizare*), *profetizar* (grego προφητίζω, via latim *prophetizare*), *escandalizar* (grego σκανδαλίζω), *evangelizar* (grego εὐαγγελίζω), *canonizar* (grego κανονίζω). Alguns outros também foram introduzidos cedo na língua portuguesa, provavelmente, por meio de alguma outra língua intermediária, sobretudo o francês: *tesaurizar* (do latim medieval *thesaurizare*, cf. grego θησαυρός), *balsamizar* (do latim medieval **balsamizare*, cf. grego βάλσαμον), *martirizar* (de um latim medieval **martyrizare*, cf. francês *martyriser*).

Algo semelhante se encontra em *anatematizar* e *cauterizar*, abonados somente no século XV em português e provenientes respectivamente de latinizações de um grego tardio ἀναθεματίζω e καυτηριάζω. No século XVI, atestam-se também, mediante esse mesmo processo: *agonizar* (grego ἀγωνίζομαι), *aromatizar* (latim *aromatizare*, cf. grego ἄρωμα), *catequizar* (latim tardio *catechizare*, cf. grego κατηχέω), *anatomizar* (francês *anatomiser*, do latim *anatomia*, cf. grego ἀνατομή), *barbarizar* (do latim *barbarizare*, cf. grego βάρβαρος) e *silogizar* (latim *syllogizare*, cf. grego συλλογίζομαι).

Casos como o latim clássico *pulverizare* mostram, contudo, que *-izare* não era vinculado apenas a bases gregas; no entanto, *pulverizar* só tem sua primeira abonação em português, segundo Houaiss & Villar (2001), no século XVIII e, de fato se trata de um cultismo com base opaca. Bases latinas também se encontram em *auctorizare*, encontrado no português do século XIV em *autorizar*. Construções com base transparente de origem grega ou latina, como *balsamizar* ou *autorizar*, foram favoráveis à formação de um grupo de novos verbos, a maioria, provavelmente originária em francês, que chegou ao português a partir do século XV, como: *solenizar*, *moralizar*, *sutilizar*, *temporizar* (cf. francês *solemniser*, *moraliser*, *subtiliser*, *temporiser*). Esse processo aumentou a partir do século XVI: *espiritualizar*, *esterilizar*, *eternizar*, *familiarizar*, *fertilizar*, *liberalizar*, *organizar*, *particularizar*, *simbolizar* (cf. francês *spiritualiser*, *stériliser*, *éterniser*, *familiariser*, *fertiliser*, *libéraliser*, *organiser*, *particulariser*, *symboliser*),

contemporizar, *esterilizar*, *judaizar* (os três também presentes no espanhol), mostrando grande intercâmbio entre essas línguas (RAE, 2009). Os verbos com *-izar*, no mesmo período, passaram a admitir prefixos, como se pode perceber na forma parassintética *atemorizar* e na forma prefixada *desautorizar* (ambas também presentes no espanhol). Esse comportamento se mostra produtivo no mesmo período em português (cf. *desmelanconizar*).

A escolha de bases eruditas ou internacionais caracterizou a grande maioria das formações em *-izar*, desde o século XVI até hoje. São poucas as exceções, como é o caso de *feitorizar*, atestado já no século XVI, construída sobre a palavra portuguesa *feitor*. Itens lexicais como *perolizar* “dar aspecto ou cor de pérola a” e *boquizar* “dizer orações, rezar, exprimir por meio de palavras, falar, resmungar, murmurar” são completamente excepcionais, pela sua menor transparência intersistemática entre as línguas europeias por onde circulam correspondentes ao *-izar* (francês *-iser*, espanhol *-izar*, inglês *-ize*, italiano *-izzare*, alemão *-isieren*).

Desde o final da Idade Média, a língua portuguesa começou a cunhar novas palavras com *-izar*, mas é na passagem do século XVIII ao XIX que há uma verdadeira guinada na produtividade do sufixo. No século XIX, a terminação *-izar*, sobretudo na forma de sufixo, torna-se muito produtiva em português, com um considerável número de neologismos sendo incrementados ao idioma. Essa produtividade foi mantida no século seguinte. Veja-se a Tabela 1.

Tabela 1 – Verbos com terminação *-izar*

Século	Quantidade
XIII	3
XIV	7
XV	9
XVI	32
XVII	26
XVIII	47
XIX	233
XX	255
sem datação	527

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de Houaiss e Villar (2001).

No final do século XIX, ao que tudo indica, o verbo *parabenizar* aparece, pela primeira vez, em português. Ainda que Houaiss e Villar (2001) apresentem o verbete sem datação, há evidências documentais de que *parabenizar* tenha sido cunhado nessa época, sendo sentido como neologismo até meados do século XX, quando outras várias formações com *-izar* se integram ao léxico do português brasileiro.

1.2 Aspectos morfológicos e semânticos de *-izar*

O sufixo *-izar*, como já apontado, alcançou notória produtividade ao longo da história da língua, sendo, na contemporaneidade, um dos verbalizadores mais acionados pelos falantes do português na criação de neologismos verbais. Exemplos de usos na variedade brasileira, como *scannerizar*, *instagramizar*, *gourmetizar*, *viralizar*, *exotizar*, *ivetizar* e *flamenguizar*, confirmam tal observação. Estudos de Oliveira (2009), Picoli (2015), Santos (2016) e Pereira (2016) buscaram descrever o funcionamento do sufixo *-izar* no português contemporâneo, tendo os três primeiros se voltado ao português brasileiro, ao passo que o último se voltou à variedade europeia.

Oliveira (2009) analisou as palavras construídas com *-izar*, com base no quadro teórico da Morfologia Distribuída, um modelo da morfologia gerativa antilexicalista que se baseia em morfemas. Nessa perspectiva, a autora sugere que o afixo verbalizador *-izar*¹ tenha um traço aspectual factitivo/causativo, podendo se adjungir a dois tipos de raízes. O primeiro tipo é o de raízes que têm função designadora/nomeadora. Com essas, o verbalizador *-izar* atua na produção de

derivações como *alfabetizar*, *marmorizar* ou *ruborizar*. As formações derivadas formam verbos transitivos diretos que têm uma interpretação causativa/factitiva, pois causam uma mudança de estado no argumento interno do verbo. As formações derivadas com *-iz(ar)* denotam então *eventualidades de mudança de estado* (OLIVEIRA, 2009, p. 82, grifos da autora).

Oliveira (2009) propõe que esse primeiro grupo de formações em *-iz(ar)* possa ser unificado em uma paráfrase do tipo “tornar-se X_{ado}”. Os exemplos da autora são:

alfabetizar, anarquizar, aterrorizar, arborizar, autorizar, avalizar, canalizar, capitalizar, caracterizar, categorizar, catequizar, cateterizar, colonizar, computadorizar, dogmatizar, economizar, encabelizar, encolerizar, envernizar, fabulizar, feitorizar, feminizar, fiscalizar, harmonizar, hierarquizar, higienizar, horoscopizar, horrorizar, hospitalizar, idilizar, islamizar, jesuitizar, magnetizar, marmorizar, martirizar, masterizar, monopolizar, moralizar, organizar, padronizar, pantanizar, parabenizar, patentizar, patrizar, politizar, pulverizar, radiofonizar, ruborizar, satirizar, simbolizar, teorizar, uniformizar, valorizar, vaporizar etc. (OLIVEIRA, 2009, p. 215, grifos da autora).

No entendimento de Oliveira (2009), os verbos causativos derivados, reproduzidos no excerto acima, “são compostos morfológicamente de um morfema verbal causativo e expressam a relação entre um causador e um evento causado, configurando, portanto, um predicado de dois lugares”

¹ A representação do sufixo, utilizada por Oliveira (2009), é *-iz(ar)*.

(OLIVEIRA, 2009, p. 216). Assim, o primeiro grupo de formações com *-iz(ar)*, identificado por Oliveira (2009), envolve a transformação de uma entidade (argumento interno) por outra entidade (argumento externo). Isso explicaria o porquê de esses verbos derivados serem transitivos diretos.

O segundo tipo de raízes a que o verbalizador *-iz(ar)* se adjunge, segundo Oliveira (2009), é o daquelas que descrevem qualidades, propriedades ou estados de natureza física ou psicológica. Com esse grupo, o sufixo *-iz(ar)* produz

derivações como *amenizar, fertilizar, suavizar, centralizar* etc. As formas adjetivas ou raízes internas às formações denotam atribuições, como *ameno, fértil, suave* etc., ou relações, como *legal, penal, regular* ou *vulgar* e os verbos derivados expressam “aquisição de uma qualidade ou estado ou modo de ser”, que têm uma interpretação causativa, pois denotam a ação realizada pelo argumento externo do verbo, o causador. As formações derivadas com *-iz(ar)* expressam *eventualidades de mudança de estado* (OLIVEIRA, 2009, p. 88, grifos da autora).

Esse segundo grupo de raízes pode ser dividido em dois subgrupos. O primeiro subgrupo é o de derivados a partir de adjetivos que denotam eventualidades predicativas/atributivas. Oliveira (2009) sugere que esse subgrupo admita duas paráfrases: “tornar-se X]_{ado}”² ou “tornar-se X”. Os exemplos da autora são:

amenizar, aromatizar, atualizar, banalizar, barbarizar, catolicizar, civilizar, concretizar, confraternizar, cristianizar, democratizar, divinizar, enfatizar, esterilizar, fatalizar, fertilizar, fidelizar, flexibilizar, fraternizar, galicizar, hostilizar, humanizar, iberizar, idiotizar, igualizar, imbecilizar, impermeabilizar, imunizar, japonizar, latinizar, localizar, logicizar, lusitanizar, maleabilizar, masculinizar, maximizar, militarizar, modernizar, oralizar, paganizar, palatinizar, paralelizar, partidarizar, passivizar, pauperizar, permeabilizar, pluralizar, polemizar, prestabilizar, realizar, responsabilizar, rivalizar, romanizar, singularizar, sintetizar, solenizar, sonorizar, suavizar, tranqüilizar, utilizar, viabilizar, volatilizar (OLIVEIRA, 2009, p. 221, grifos da autora).

Sobre esses verbos tomados de exemplos, Oliveira (2009) propõe que envolvam uma entidade externa (causadora) que afeta a qualidade/estado/propriedade do objeto afetado (argumento interno). Assim, o professor pode *sintetizar* o assunto, e o assunto se torna *sintetizado*, da mesma maneira que as pessoas podem *banalizar* medidas sanitárias, e as medidas sanitárias se tornam *banalizadas*.

O segundo subgrupo de formações deadjetivais com *-iz(ar)* toma como bases adjetivos que denotam eventualidades relacionais e tem como produtos derivados verbais que expressam mudança

² A notação de Oliveira (2009) é tornar-se X-ado.

de estado e podem ser unificados com a supracitada paráfrase “tornar-se X]_{ado}”. São exemplos de Oliveira (2009):

brutalizar, centralizar, circularizar, comercializar, escolarizar, espiritualizar, familiarizar, federalizar, finalizar, formalizar, generalizar, idearizar, imortalizar, impessoalizar, individualizar, industrializar, infantilizar, integralizar, intelectualizar, internacionalizar, irracionalizar, internalizar, racionalizar, jovializar, labializar, legalizar, liberalizar, linearizar, materializar, nacionalizar, nasalizar, naturalizar, neutralizar, palatalizar, parcializar, parlamentarizar, particularizar, peculiarizar, penalizar, personalizar, pluralizar, popularizar, prodigalizar, racionalizar, radicalizar, regionalizar, regularizar, socializar, totalizar, velarizar, verbalizar, vitalizar, vocalizar, vulgarizar etc (OLIVEIRA, 2009, p. 227, grifos da autora).

O trabalho de Oliveira (2009), em linhas gerais, aposta na paráfrase “tornar-se X]_{ado}” como a central no comportamento sintático-semântico das palavras com o sufixo *-izar*. O fato de essa paráfrase atender a todos os agrupamentos propostos pela autora leva à compreensão de que a categoria da raiz nas formações derivadas não seja suficientemente relevante. A demanda pela subdivisão das formações deadjetivais também não está bem explicada. Por quais razões *naturalizar* e *banalizar* recebem classificações diferentes? Há uma patente necessidade de se explicar melhor esses agrupamentos.

A fórmula semântica “tornar-se X]_{ado}” se mostra consideravelmente circular, sobretudo em formações em que as bases, por razões várias, já não são semanticamente transparentes, como nos casos de *pauperizar* (? tornar-se pauperizado) e *pulverizar* (tornar-se pulverizado). Há outros exemplos em que a paráfrase não parece corresponder ao uso corrente do português. São os casos de *localizar* (? tornar-se localizado), *utilizar* (? tornar-se utilizado) e do verbo investigado neste artigo, *parabenizar* (? tornar-se parabenizado). A busca por uma generalização morfológica, sintática e semântica, no trabalho de Oliveira (2009), por vezes, desconsidera as nuances individuais dessas formações.

O estudo de Picoli (2015) se volta às formações de verbos deadjetivais com os sufixos *-izar* e *-ecer*. A autora utiliza o modelo teórico de Léxico-Gramática, em que construções lexicais podem ser descritas por meio da elaboração de fórmulas sintáticas. Picoli (2015) faz uma série de testes para chegar às fórmulas de descrição, incluindo aceitabilidade de pronominalização, passivização e nominalização. Uma vez que a autora se centra em formações deadjetivais, não há menção ao verbo denominal *parabenizar*. Dessa maneira, dado o recorte, não há como compreender ou presumir a classificação de Picoli (2015) para *parabenizar*.

Também na perspectiva da Morfologia Distribuída, está o trabalho de Santos (2016). Essa autora analisou 405 palavras com o sufixo *-izar* do português brasileiro, sendo 303 dicionarizadas e 102 não dicionarizadas. As paráfrases propostas por Santos (2016), bem como alguns dos exemplos, estão na Tabela 2.

Tabela 2 – Paráfrases das derivações com *-izar*

PARÁFRASES	FREQUÊNCIA	EXEMPLOS
Atribuir característica de X a	227	buarquizar, flamenguizar, facebookizar
Tornar-se X	112	lentizar, oficializar, centralizar
Colocar em X	7	memorizar, pocketizar
Fazer X	24	uploadizar, downloadizar
Causar X a	6	aterrorizar, apavorizar
Usar X	7	twittizar, bloguerizar
Agir como X	11	dilmizar, animalizar
Transformar X	1	cabelizar

Fonte: Adaptado de Santos (2016).

Dentre os três trabalhos sobre o *-izar* no português brasileiro aqui mencionados, o de Santos (2016) é o que mais detalha os matizes semânticos das palavras derivadas com o sufixo *-izar*. Nenhuma das oito paráfrases listadas pela autora, no entanto, se aplica à construção *parabenizar*. Ainda que tal verbo faça parte do *corpus* analisado por Santos (2016), não há, ao longo do trabalho, uma explicitação da classificação semântica atribuída a essa formação.

Pereira (2016), voltando-se para o português europeu, observa que o sufixo *-izar*, com 556 produtos (37,93%), é o formativo mais disponível para a cunhagem de verbos por sufixação. Os outros sufixos mencionados pelo autor são, em ordem de frequência: *-ear* (504; 34,38%), *-ejar* (178; 12,14%), *-ificar* (151; 10,30%), *-e(s)cer* (47; 3,2%), *-itar* (17; 1,16%) e *-icar* (13; 0,89%). Sobre o funcionamento de *-izar*, ou mais precisamente *-iz-*, Pereira (2016) explica que esse sufixo

junta-se a bases nominais e adjetivais (51,5% e 48,5%, respectivamente) para formar novos verbos. Por vezes o verbo derivado admite duas ou mais leituras, remetendo para bases morfológica e/ou categorialmente diferentes. Tal acontece sobretudo em verbos em *-iz-* derivados de bases de origem grega, e em relação aos quais existem séries derivacionais que integram, além dos verbos em *-iz-*, adjetivos denominais em *-ic-* e nomes em *-i(a)*. [...] No caso dos verbos do tipo de *atomizar*, *hiperbolizar*, *profetizar*, as paráfrases lexicográficas remetem ora para uma base nominal (*átomo*, *hipérbole*, *profeta*), ora para uma base adjetival (*atômico*, *hiperbólico*, *profético*). Situação idêntica ocorre em verbos como *economizar*, *harmonizar*, *ironizar*, relacionáveis com bases nominais terminadas em *-i(a)* ou com bases adjetivais terminadas em *-ic-* (cf. *economizar*: ‘administrar com economia; tornar económico’; *harmonizar*: ‘tornar harmónico; estabelecer harmonia entre’; *ironizar*: ‘tornar irónico; exprimir com ironia; empregar ironia’) (PEREIRA, 2016, p. 331, grifos do autor).

Quanto ao significado dos derivados com *-iz-*, Pereira (2016) sugere que exista uma diversidade de categorias semânticas, dentre as quais, destacam-se: “(i) resultativos (*atualizar*, *martirizar*), ornativos (*aromatizar*, *hifenizar*), locativos (*hospitalizar*, *memorizar*), instrumentais (*estiletizar*, *escalpelizar*),

performativos (*esquematar, hipnotizar*) e modais (*fiscalizar, profetizar*)” (PEREIRA, 2016, p. 333, grifos do autor).

Por ser um trabalho voltado para os usos do português europeu, é previsível que não haja menção ao brasileirismo *parabenizar* na descrição apresentada por Pereira (2016). As categorias semânticas usadas pelo autor, para classificar os verbos formados por derivação de maneira geral, são também vistas nas abordagens de Plag (1999, p. 125) e Maroneze (2011). Tais categorias não parecem adequadas para classificar *parabenizar*, como se verá.

1.3 Aspectos morfológicos e semânticos do quasi-hápax *parabenizar*

O verbo *parabenizar* destoa significativamente das paráfrases mais comuns com o sufixo *-izar*, como “transformar (algo) em X”, “tornar algo X” ou “tornar(-se) X”. Não há, entre os verbos derivados com *-izar* registrados em Houaiss & Villar (2001), outro verbo com esse sufixo que apresente significado similar, admitindo uma paráfrase do tipo “dizer ‘X’ a”. A caracterização semântica de *parabenizar* parece, então, ser um caso isolado ou único³. Assim, argumenta-se, aqui, em favor de que esse significado possa ser identificado como um espécime de *hápax*. O termo *hapax legomenon* (do grego ἅπαξ λεγόμενον “lido uma só vez”) advém da tradição filológica, para se referir a uma forma que foi identificada apenas uma vez em um dado texto ou *corpus*. Esse termo tem sido aplicado aos estudos morfológicos por autores, como Bauer (2001) e Gonçalves (2016, 2019), para casos em que um formativo só se realiza uma vez na língua, em um contexto morfológica- e semanticamente transparente. Exemplos do português, segundo Gonçalves (2016, 2019), seriam os sufixos *-ebre*, *-anzil*, *-ardo* e *-oila*, identificáveis em *casebre* (← *casa*), *corpanzil* (← *corpo*), *felizardo* (← *feliz*) e *moçoila* (← *moça*). Os afixos *-ebre*, *-anzil*, *-ardo* e *-oila* podem ser depreendidos morfológicamente, pois as bases *casa*, *corpo*, *feliz* e *moça* são semanticamente transparentes, o que possibilita delimitar os significados dos sufixos, que não se realizam em outro contexto da língua, sendo, portanto, elementos improdutivos. Nessas condições, Gonçalves (2016, 2019) chama os sufixos já mencionados de *hápax suffixais*.

³ Ainda que a expressão corrente em português seja *dar parabéns*, optamos pela paráfrase “dizer ‘X’ a” e não “dar X” porque o objetivo de uma paráfrase em Morfologia é devolver, de forma analítica, o significado do item lexical afixado do modo o menos ambíguo possível, algo que “dar”, como verbo leve na expressão “dar os parabéns a”, devido à sua vagueza, não parece fornecer. Além disso, entende-se por ‘X’ (entre aspas simples) a base interjetiva ‘parabéns!’ e não a base nominal *parabéns*.

Gonçalves (2019) atenta, ainda, para os sufixos que aparecem em mais de um contexto, mas são considerados improdutivos da mesma maneira, pois apresentam um conjunto ínfimo de realizações. Para esses casos, o autor usa o termo *quase-hápax*. Exemplos de Gonçalves (2019) para esse fenômeno são os formativos *-onho* (*risonho, tristonho, medonho*) e *-edo* (*arvoredado, vinhedo, passaredo, rochedo*).

Os casos mencionados por Gonçalves (2016, 2019) são de sufixos que se aplicam em poucos contextos morfológicos. Não é o caso de *-izar*, com toda certeza, visto que esse elemento tem prolificidade (VIARO, 2010b)⁴ no português, mas parece ser o caso do significado de *parabenizar* em relação ao conjunto de palavras criadas com o sufixo. Assim, a ideia de *hápax* se estende para os casos em que, na rede semasiológica do formativo, há a situação ideal de um paradigma semântico com um único elemento. No entanto, apesar da cardinalidade unitária desse conjunto, nada impede, devido à frequência de uso, que essa forma excepcional gere outros elementos com mesma paráfrase. Aparentemente, trata-se do caso de *parabenizar* “dizer ‘meus parabéns’ a”, que viabilizará a criação do antônimo *pesamizar* “dizer ‘meus pêsames’ a”, que não tem o mesmo nível de circulação de *parabenizar*, mas admite a mesma paráfrase, a saber, “dizer ‘X’ a”. O surgimento de *pesamizar* pode ser explicado como uma formação analógica, nos termos abordados por Gonçalves (2016, 2019). São exemplos desse processo: *aguaréu* (criado a partir de *fogaréu*), *Lentox* (criado a partir de *Velox*) e *femenagem* (criado a partir de *homenagem*). A analogia, nessas criações, se dá mais pela associatividade semântica, não sendo um processo somente morfológico e não impedindo que *pesamizar* possa ser considerada uma formação analógica criada por sufixação.

Em que pesem as diferenças de frequência de uso dos dois itens lexicais mencionados (isto é, *parabenizar* e *pesamizar*), a paráfrase “dizer ‘X’ a” parece já não se encaixar como um *hápax*. A ideia de um *quasi-hápax* “como se fosse um *hápax*” nesse contexto soa convenientemente ambígua: é um *quasi-hápax*, porque já há mais de uma realização identificada (não podendo, portanto, ser chamada de *hápax*), ao mesmo tempo que é *quasi-hápax* pelo fato de, nos estudos morfológicos, o termo ser usado para paradigmas morfológicos com prolificidade muito baixa. Para a definição de *quasi-hápax*, não importaria a quantidade de exemplos do sufixo ou do significado do sufixo, mas que, nessa situação de instabilidade da formação do novo sufixo ou do novo significado do sufixo, apenas um deles mantenha a alta frequência de uso, como a situação de um *hápax*. Todos os demais (como é o caso de *pesamizar*) orbitariam em torno dele. Nessa situação, os demais itens léxicos, ainda não tão bem-

⁴ Em Lüdi (1983, p. 128) o termo *prolificidade* equivale a *productivité* “produtividade”, ao passo que *productividade* é chamado pelo autor de *vitalité* “vitalidade”: *Nous distinguons entre la productivité d'un programme (=nombre d'unités lexicales auxquelles il s'applique) e sa vitalité (=sa force à créer des unités lexicales inédites)*. “Distinguímos entre a produtividade de um programa (=número de unidades lexicais às quais se aplica) e sua vitalidade (=sua força para criar unidades lexicais inéditas)” (tradução nossa). Lüdi chama de *programme* o que atualmente é conhecido como “esquema” nos modelos morfológicos.

sucedidos quanto o principal, seriam criações literárias ou neologismos ainda estreitamente ligados à *parole* e não ao sistema.

Os estudos sobre neologismos verbais em português mostram que o uso de *-ar* ainda é produtivo na língua (MARONEZE, 2011; PEREIRA, 2016). Quando as bases são oxítonas, o *-ar* costuma ser aumentado, por meio da combinação com a consoante de ligação /z/, o que leva à formação de verbos neológicos em *-zar* (cf. *urubu* → *urubuzar*, donde: *jacaré* → *jacarezar*, *café* → *cafezar*), atestados sobretudo em redes sociais, como o Facebook. Nessa rede, há botões de reações como *uau*, *haha* e *grr*, que são respectivamente interjeições de surpresa, riso e raiva. Os nomes desses botões, quando servem de base para a formação de verbos, também fazem uso da vogal de ligação: *uau* → *uauzar* (e não ★*uauar*), *haha* → *hahazar* (e não ★*hahaar*), *grr* → *grrzar* (e não ★*grrar*). Em comum com o significado particular *-izar* do quasi-hápax *parabenizar*, esses últimos exemplos não se assemelham apenas na rima, mas também a paráfrase “dizer ‘X’”, aliás presente já desde o latim em formações com *-are* (cf. *boare* “dizer ‘bõ!’”, isto é, “gritar, berrar”). Essa convergência formal e semântica entre *-izar* e *-(z)ar* se aproxima de fenômenos diacrônicos, por exemplo, a fusão do *-eiro* proveniente do *-arium* latino com a terminação grega *-άριον* (VIARO, 2010), a fusão do sufixo *-atge* provençal com a terminação latina *-agem*, gerando os significados do sufixo *-agem* português (GONÇALVES, A., 2009) e com vários outros. Dada a dinâmica diacrônica da língua, por meio de analogias como essa, é possível até mesmo imaginar que, se futuramente *-zar* ganhar proliferação e frequência de uso de outros elementos do paradigma semântico “dizer ‘X’”, *parabenizar* deixe de ser classificado como um quasi-hápax.

2. Criação e difusão do verbo *parabenizar*

2.1 Criação do neologismo

Barbosa (1978, p. 195) distingue três momentos importantes para o estudo da história de um neologismo:

- (a) O [momento] que diz respeito ao instante mesmo de sua criação;
- (b) O momento pós-criação, que se refere à recepção, ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários, bem como a sua inserção no vocabulário e léxico de um grupo lingüístico-cultural;
- (c) O momento em que começa a dar-se a sua desneologização.

O verbo *parabenizar* permite identificar claramente esses três momentos. Em relação ao instante de sua criação: como já mencionado, aparece sem datação em Houaiss & Villar (2001), mas há fortes evidências de que seja uma criação do final do século XIX. A ocorrência mais antiga encontrada para *parabenizar* se encontra no *Correio da Tarde* de 05 de janeiro de 1895, na coluna *Pequena sabbatina*, assinada pelo pseudônimo Aben Cerage (grifo nosso):

Eu não posso deixar de **parabenisar** (se se pôde dizer *interwinar*, e até com elegancia, porque não poderei eu aqui, no que é meu, dizer **parabenisar**?!). E por tanto, não posso deixar de... dar parabens ao grande enfermo que vae n'uma convalescença que se passa de alegre a ruidosa!

Esse contexto revela que o próprio autor à época o sentia como um neologismo. Importa entendermos, no momento, quais recursos analógicos possibilitaram a criação de *parabenizar* a partir dos significados herdados do sufixo derivacional *-izar*. Conforme já discutido na seção anterior, sendo *parabenizar* um quasi-hápax, não é possível classificá-lo ao lado de outras formações com *-izar*. Assim, torna-se necessário buscar outros verbos em *-izar* que têm seu significado relacionado à expressão verbal. Um exemplo antigo de utilização de *-izar* para algo relativo à expressão verbal é encontrado no item *verbalizar* (sem *terminus a quo* no Houaiss & Villar (2001):

- Verbalizar = “transformar (pensamentos) em (algo) verbal”

O item *verbalizar* é testemunhado desde o início do século XIX, como se atesta numa tradução de “O Homem singular ou Emílio no mundo”, em *O investigador portuguez em Inglaterra*, de 1816:

Immediatamente o magistrado, e o seu escrivão se poseraõ a **verbalizar** o acto.

Uma construção equivalente, contudo, se encontra em outras línguas. No dicionário inglês de Bailey (1736), associa-se sua etimologia ao espanhol *verbalizar* e ao francês *verbaliser*:

To VE'RBALIZE [*verbaliser*, F. *verbalizar* Sp.] to use many words, to be tedious in discourse.

Na sexta edição de Moraes Silva (1858), com os acréscimos de Agostinho de Mendonça Falcão, encontra-se a seguinte definição:

VERBALIZAR, *v. n.* Dizer, apresentar suas razões.

E no dicionário de Domingos Vieira, de 1874 diferenciam-se vários usos:

VERBALIZAR, *v. a.* Dizer ou apresentar razões ou factos para os fazer metter n’um processo verbal. – Dirigir um processo verbal. – Fazer grandes discursos. – Certificar por escripto.

O item lexical *verbalizar* parece ter sido determinante para a formação de diversos outros semelhantes, dentre os quais *vocalizar*, cuja paráfrase ainda segue o modelo original de “transformar (algo) em X”:

- Vocalizar = “transformar (algo) em vogal”

Apesar de Houaiss & Villar (2001) apontarem o *terminus a quo* do verbo *vocalizar* em 1881, esse item já se encontra na obra *Principios de musica*, de Rodrigo Ferreira da Costa, de 1820:

Para isso he preciso **vocalizar**, e não solfejar: digo, proferir em vez das sílabas *ut, re, mi* a vogal á, a mais sonora e favorável á voz (Tractado Primeiro, terceira secção, p. 163, continuação da nota de rodapé iniciada na página anterior, grifo nosso).

Como terceiro exemplo de aplicação do sufixo *-izar*, ainda mais próxima de *parabenizar*, cujo resultado se vincula, por hiperonímia, a “dizer”, cite-se o verbo *sonorizar*, que especificaria o X da paráfrase como o adjetivo “sonoro”:

- Sonorizar = “transformar (algo) em sonoro”

Como nos casos de *verbalizar* e *vocalizar*, o verbo *sonorizar* também é anterior a *parabenizar*. Houaiss & Villar (2001) indica seu *terminus a quo* em 1877, mas é possível encontrá-lo antes, também em castelhano. No dicionário Littré (1869) *sonoriser* é definido como “Terme de phonétique. Rendre sonore une lettre sourde”. O significado do item lexical como “dizer um X” se encontra documentado na mesma época de *parabenizar*, por exemplo, no conto *O cabo Rapozas*, no vol. 17 da revista *O recreio*, em 1894, assinado por Oliveira Mascarenhas:

E o cabo Rapozas, enquanto os trez soldados pregavam as vistas n'um massiço de chouriços, que pendiam da chaminé á moda d'estalactites, mettia furiosamente os dedos por entre os cabellos da pêra e do bigode, e esforçava-se, mas em vão, por **sonorizar** uns ais, que lhe sahiam baços como arrôtos (p. 263, grifo nosso).

Esses verbos, usados na Música e na Fonética, geraram alguma produtividade do sentido específico de “transformar (um som) em X” no final do século XIX, como testemunham outros verbos como: *nasalizar* (1873), *labializar* (1899), *palatalizar* (1899), *guturalizar* (sem data), *velarizar* (1899).

Pode-se, assim, hipotetizar duas etapas para descrever essa especialização de sentido:

Etapa 1: (herdada) X]_{izar} = “transformar (algo) em X”

Etapa 2: (especialização): X]_{izar} = “transformar (um som) em X”

Nesta segunda etapa, surgem, portanto:

Nasalizar = “transformar (um som) em nasal”

Labializar = “transformar (um som) em labial”

Palatalizar = “transformar (um som) em palatal”

Guturalizar = “transformar (um som) em gutural”

Velarizar = “transformar (um som) em velar”

Da Música, tais termos migraram para a Fonética da segunda metade do século XIX, época concomitante ao sucesso do IPA (desde 1888, antecedido pelo alfabeto rômico de Henry Sweet, de 1877, e pelo alfabeto de Lepsius, de 1855, entre outros), quando aparecem em livros de Linguística, referindo-se a transformações históricas dos sons e a realizações fonéticas. A data do *terminus a quo* de *palatalizar* em Houaiss & Villar (2001) é 1899, contudo é atestado quatro anos antes, no sentido técnico da Fonética, na *Revista Lusitana* em um texto de Gonçalves Viana (1895, p. 94), junto com *vocalizar* (1895, p. 302) num texto de José Joaquim Nunes. A aceitação dos termos técnicos em *-izar* para a Linguística não foi tão rápida, como se pode perceber pela ausência em textos de autores como Adolpho Coelho, Júlio Ribeiro e Eduardo Carlos Pereira, talvez por serem sentidas como galicismos. No final do século XIX, o fenômeno fonético conhecido como *sonorização*, contudo, ainda é chamado de “abrandamento”.

Portanto, hipotetizamos que, do significado “transformar (algo) em X”, tenha havido especializações nessas áreas para “transformar (um som) em X”, entendido lexicalmente por meio de uma metonímia, como “proferir (um som) como X (no canto)” ou “pronunciar (um som) como X (em uma palavra)”. Como o elemento proferido ou pronunciado pode ser um som ou uma palavra, é

possível entender uma segunda nova especialização, representada por um elemento ainda único: o verbo *parabenizar*.

Etapa 3: (especialização): X]_{izar} = “dizer (a palavra) ‘X’ (a)”

Além disso, o uso de *-izar* em *parabenizar* é surpreendente, uma vez que outros verbos *dicendi* costumam usar formas denominais sem sufixo derivacional: *elogiar* “dizer um elogio a”, *cumprimentar* “dizer um cumprimento a”, que permitiram uma paráfrase assemelhada a “dizer ‘X’ a”, que seria “dizer um X a”.

O verbo *parabenizar*, único representante dessa etapa, converteu-se também no único elemento desse paradigma semântico. Mesmo assim, não constitui uma exceção no que se refere à formação de especializações semânticas. O sufixo *-eira* (VIARO, 2011; SIMÕES NETO, 2020) é muitas vezes usado para objetos que têm alguma função (*cafeteira*, *chaleira*, *leiteira* etc.) e por isso, a base participial também serviu para a formação de palavras (*assadeira*, *escumadeira*, *espreguiçadeira* etc.), o que não impediu que formasse palavras cujo hiperônimo fosse uma parte de um corpo e não um objeto (como em *nadadeira*).

2.2 O verbo *parabenizar* como regionalismo

Em relação ao “momento pós-criação” mencionado por Barbosa (1978, p. 195), cabe identificar como se deu o seu uso e a sua progressiva aceitação por parte dos falantes. Podem-se hipotetizar três razões para o emprego inicial desse verbo:

- uma suposta reação ao seu sinônimo *felicitar*, por ser um galicismo;
- alguma diferença semântica ou formal em relação a *felicitar*;
- alguma motivação estilística.

A base *parabém*, ou na sua forma plural mais usual *parabéns*, está associada a verbos-suporte, como *dar* ou *receber*, e surge no século XVII:

em voz alta com grande alegria dando a todos os **parabens** da paz de que agora gozauam, tam differente da inquietaçam em que todos no anno passado por este mesmo tẽpo se viram (GUERREIRO, 1605, fól. 36v, grifo nosso).

Ella agradecendolhe a cantiga com hum favoravel arremeço d’olhos, por lhe pagar cõ este favor o serviço que lhe fizera, acodia entre tão aos **parabẽs** que lhe davam as aldeanas pella cantiga (FREIRE, 1626, p. 255, grifo nosso).

Em meados do século XIX, alguns autores distinguem *dar os parabẽs* e *felicitar*:

O *parabem* refere-se principalmente a um acontecimento feliz na vida domestica. A *felicitação* tem um sentido mais extenso, e refere-se à celebração d’um acontecimento publico, que tem relação com os cargos sociaes da pessoa que a recebe. Um amigo dá os *parabens* a outro pelo bom successo de sua esposa. Uma camara *felicita* a El Rei por um successo prospero (ROQUETTE; FONSECA, 1848, p. 465-466).

No entanto, no início do século XX, *parabenizar* não parece consensualmente utilizado, como se depreende de manuais como o de Horta (1929, p. 302-303), que recomenda expressões como “mando-te nestas as mais effusivas felicitações pelo dia de teu anniversario” e “recebe (...) mais um muito affectuoso abraço de parabens do teu sempre amigo”.

Numa de suas ocorrências mais antigas, lê-se a mesma frase, em 1919, reproduzida em dois jornais: *O Paiz* e *O Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro), extraída do *Jornal Pequeno* (Recife):

Somente temos a **parabenisar** o afamado *full-back*, por este invejavel triumpho.

Em busca ao Google Books (<https://books.google.com.br/>), mediante a apresentação parcial de obras até a década de 50, há predominância do item lexical em obras publicadas em Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Amazonas. Em quase todas, o tom encomiástico é uma constante, sobretudo em situações de premiação e homenagens. Durante a primeira metade do século XX, parece bastante frequente entre políticos, juristas, empresários e acadêmicos, o que nos faz pensar que o item lexical tinha um tom não só formal, mas solene.

Na *Revista do Instituto do Ceará*, volumes 31-32 pág 360, de 1918, segundo o *Google Books*, haveria a seguinte afirmação: “**Parabenizamos** o « Gremio Literario » pelo grande exito do jury e muito especialmente os advogados de Calabar pela fulgurante defesa com que alcançaram a absolvição dessa famosa personagem”. Situações semelhantes ocorreriam também no *Boletim do Ministério do Trabalho, Industria e Commercio*, pág. 260, de 1934: “De Recife Directorio Academico Escola Polytechnica, **parabeniza** vossencia nomeação Ministro Trabalho. José Marinho, Presidente” e na *Folha de São Paulo* de 05 de novembro de 1935, a partir de um trecho da *Gazeta de Notícias de Fortaleza* de 17 de outubro de 1935: “Com este modesto registo, queremos apenas, **parabenizar** a encantadora embaixatriz da Canção e da poesia brasileiras pelo bello recital com que acaba de honrar a

Terra de Iracema”. Em 1941, encontramos o mesmo verbo em Pernambuco, no *Boletim da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio*, vol. 8-9, pág. 48: “Hoje eu vos contemplo vencedores, e consolidados no solo firme da técnica e da ciência. O vosso triunfo é a minha glória, a expressão riva de um trabalho fecundo e fértil. Felicito-me a mim mesmo, e vos **parabenizo**”.

Nessas ocorrências observa-se que a regência do verbo varia: ao lado do uso transitivo direto, aparecem construções reflexivas exigindo a preposição *com*. Um exemplo de *parabenizar-se com* se vê nesses textos de 1947: “A sessão foi iniciada pelo sr, representante do D.E.C. que fazendo uso da palavra **parabenizou-se** com os presentes por tão grande iniciativa, mostrando a alta finalidade de uma sociedade cooperativa” (*Cooperação, Departamento Estadual de Cooperativismo*, Ceará, Edições 54-65. p. 28); “Vinicius Ramos, estabelecido em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, **se parabenizou** com o Instituto, pela atitude que o mesmo tomou em face do livro “A Indústria Brasileira de Aniagaem”, de autoria do sr. Nelson de Vincenzi.” (*Boletim da Associação Comercial do Amazonas*, edições 73-84. pág. 12).

Nas décadas de 40 e 50 do século XX, exemplos semelhantes se encontram na *Revista do DAC* (Departamento de Assistência às Cooperativas), de Pernambuco, pág. 284; na *Revista da Academia Sergipana de Letras*, edições 14-18; no livro *Dez anos no Amazonas, 1897-1907: memória de um sertanejo nordestino emigrado àquelas paragens em fins do século passado*, impresso na Paraíba; na *Revista das Classes Produtoras*, Edições 714-726; na revista *Ginecologia*, vol. 6, pág. 116, de Recife; na *Revista de ginecologia e d'obstetricia*, volume 47, parte 2, pág. 545; na revista *Brasil açucareiro, Instituto do Açúcar e do Alcool*, vol. 43-44; na *Revista Militar Brasileira*, vol. 62-63, pág. 543; na obra de Flávio Guerra *Lucena: um estadista de Pernambuco*, pág. 76; na *Revista do Instituto historico e Geographico de Sergipe*, Aracaju v. 18-21 p. 59.

2.3 Difusão do verbo *parabenizar* pelo Brasil

A desneologização de *parabenizar* (ou seja, sua integração ao léxico geral da língua portuguesa) aparentemente tem início na década de 50 do século XX, momento em que o verbo se dicionarizou e se desregionalizou, visto que o encontramos com mais frequência em textos do Rio de Janeiro e em São Paulo, como na revista *Agronomia*, vol. 13-15, pág. 5; na *Revista do Instituto histórico e geográfico de São Paulo*, vol. 57, pág. 80 e em 1962 na *Revista marítima brasileira*, vol. 82, pág. 191. A partir das décadas de 60 e 70 do mesmo século, o verbo *parabenizar* passa a ser comum no meio acadêmico e político dos mais diversos estados brasileiros, assim como vemos nos *Anais da Câmara dos Deputados*, no *Diário do Congresso Nacional* e nos *Anais do Senado*, por exemplo, nos *Anais da Câmara dos Deputados* de 1964, pág. 370; na revista *Romanitas - Sociedade Brasileira de Romanistas*, edições 6-7,

pág. 458; *Anais da Câmara dos Deputados*, pág. 496, em 1968; *O cruzeiro: revista semanal ilustrada*, vol. 42, edições 28-35, p. 83; na revista *Veja e Leia*, número 82, pág. 8, de 1970.

Ainda segundo Barbosa (1978, p. 205), a “consagração final da palavra neológica é a sua inserção no dicionário, porque o registro de um termo no dicionário confere-lhe o estatuto de elemento lexical da língua, ao lado dos outros já existentes”. No caso de *parabenizar*, as datas mais recuadas de dicionarização remontam à segunda metade do século XX. Na quarta edição do dicionário de Caldas Aulete (1958), no que parece ser o primeiro registro lexicográfico desse verbo, encontra-se acompanhado da rubrica *neol.* (“neologismo”):

PARABENIZAR, v. tr. (neol.) dar os parabéns, felicitar. || *F. Parabém.*

Desde então, nas décadas de 60 e 70 do século XX surgem ocorrências mais frequentes como verbetes de dicionários, em que *parabenizar* significa “dar os parabéns”, “felicitar”, “congratular”, “cumprimentar”, como por exemplo em d’Oliveira (1971). Mesmo já estando registrada nos dicionários, o sentimento neológico não desaparece imediatamente. Em 02 de março de 1968, o jornalista e escritor Nelson Rodrigues afirma em suas *Confissões*, no jornal *O Globo* (pág. 2) “E vamos, como agora se diz, **parabenizar** a televisão, que se limitou a dar uma forma visual e auditiva à verdade inapelável e crudelíssima”. A palavra *agora* mostra que o verbo *parabenizar* acabava de chegar ao Rio de Janeiro, na percepção de Nelson Rodrigues: apesar de ser pernambucano, região onde há as maiores ocorrências da palavra *parabenizar* antes da década de 60, e do seu contato estreito de toda sua família com o jornalismo, como usuário da língua, pareceu-lhe tratar-se de um neologismo, mais de setenta anos após a criação da palavra.

A desregionalização da palavra e o uso para além do viés acadêmico ou oficial deram-lhe visibilidade. No romance *Anita* (1963), de Anibal Filho, vemos na pág. 50, o verbo sendo usado em situação narrativa não testemunhada antes: “Ao terminar a cerimônia, Padre Zequinha **parabenizou** a família inteira pelo feliz evento, mas ao abraçar o Zico, seu bom amigo, confrade e moço trabalhador, não pôde deixar de enxugar os olhos”. No livro *Moedas e desejo: crônicas de viagem* (1965), de Adelia Asfora Alliz, à pág. 166, encontra-se: “Limpeza assim só encontramos em hotéis de primeira categoria. Sentia-me verdadeiramente orgulhosa como se estivesse em minha própria casa, quando os argentinos nos **parabenizavam**, e entre si admiravam a brancura imaculada.”

A ampliação de uso de *parabenizar* permitiu mesmo imaginá-lo com um verbo sem defectividade e, de fato, ele já consta de obras voltadas à conjugação verbal já na década de 60 do século XX (por exemplo, Vieira, 1964). Comparando todas as ocorrências documentadas, observa-se grande diferença de frequência de uso em algumas flexões, em detrimento de outras: no presente do indicativo *parabenizo*, *parabenizamos* são mais comuns que *parabeniza*, *parabenizam*, e ocorrências como

parabenizas, *parabenizais* são nulas; em alguns outros tempos, também é praticamente inexistente. Depois da sua desregionalização, podemos dizer que há maior abrangência de uso com relação às pessoas e aos tempos, ainda que isso seja um assunto a ser investigado. Cabe observar que, por ter saído do âmbito das fórmulas performativas para a dimensão de verbo normal português brasileiro, não há sentido, a não ser por alguma tradição analógica das gramáticas normativas, em pensar em flexões como *parabenizáveis* e tantas outras que aparecem em obras de conjugação verbal.

Com a maior visibilidade decorrente da maior frequência de uso, também não faltam as atitudes puristas em relação ao verbo *parabenizar*. Silveira Bueno (1968) faz um comentário bastante dúbio com relação à sua aceitação pessoal do verbo:

Parabenizar - v.t. Dar os parabens a alguém saudar, felicitar, cumprimentar. De *parabem+izar*. Neologismo do Brasil, especialmente, no norte do Brasil onde o gosto das novidades vocabulares está entranhado no próprio sangue das pessoas.

Antes disso, o mesmo Bueno (1964: 157) já havia incluído o verbo entre os neologismos de sua época, teorizando que seu sintetismo em relação à expressão mais longa “dar parabéns” era uma decorrência da velocidade da sua época:

A rapidez do viver atual impõe-nos derivações que acompanhem a velocidade do tempo moderno. *Apresentar felicitações* (tôda uma frase completa) passou a *felicitar* (...). Por isto já se tenta introduzir *avionar* em lugar de *viajar de avião*, *parabenizar* (dar parabéns).

Por meio de pesquisas no *Google Books*, observamos que, à mesma época, Delson Gonçalves Ferreira (em *Língua e literatura luso-brasileira*, ed. B. Álvares, 1967 e também em *Português funcional*. Difusão Pan Americana do Livro, vol. 3, 1969, pág. 164) declara: “Neologismo: é qualquer criação atual e inútil, dentro da língua. Pode ofender a qualquer das partes da gramática. **Parabenizar**, primociclar (terminar o curso ginasial). Há pessoas, mesmo cultas, com a mania dos neologismos”. Em 1971, há ainda uma observação ainda mais contundente de Martinz de Aguiar (*Notas e estudos de português*. Fundação Getúlio Vargas: Serviço de Publicações pág. 4): “Esse ‘programação’ lembrou-me o desprezível **parabenizar**, acerca do qual, outro dia, no Liceu (o velho e querido Liceu vai ser agora ‘Colégio Estadual do Ceará’), me consultou uma aluna do curso complementar. Queria ela saber se é ‘parabenizo-lhe’ ou ‘parabenizo-o’”.

Percebe-se, assim, que o sentimento neológico em relação a esse item perdurou várias décadas após as primeiras ocorrências do verbo. Aparentemente, é só ao longo das décadas de 70 e 80 do século XX que ocorre a sua completa desneologização, ou seja, o verbo torna-se frequente demais para ser entendido como um neologismo. Na década de 90 do século XX surgem as primeiras ocorrências em

Portugal, conforme atesta o site do CETEMPublico (<https://www.linguateca.pt/CETEMPublico/>).

Observe-se o emprego das aspas, indicando o sentimento neológico:

Vim aqui para ‘parabenizar’ vocês por essa vossa luta; é uma vergonha para mim que essa igreja venha lá do Brasil para roubar o que é vosso.

Paralelamente à expansão de *parabenizar*, ocorre o surgimento de seu antagonista, o já mencionado *pesamizar*, sem a mesma frequência de uso do modelo único do paradigma “dizer ‘X’ a”. Piccoli (1994, p. 14, grifo nosso) diz:

se os modernos freqüentadores de festas e recepções, vernissages, coquetéis inauguratórios, márriers e nívers, se essas pessoas, atualizadas que são, parabenizam, por que não poderão **pesamizar** (?) – pois, por sobre o caixão muitos são os que se debruçam.

A presença do ponto de interrogação chamando a atenção ao item neológico tem semelhança com a forma com que o pseudônimo Aben Cerage introduziu o verbo *parabenizar* cem anos antes.

Considerações finais

Pretendeu-se, com este artigo, descrever o percurso histórico pelo qual passou o verbo *parabenizar*, desde a sua criação, em fins do século XIX, até a sua difusão em toda a língua portuguesa, inicialmente no Brasil e, mais recentemente, em outros países lusófonos.

Para descrever o significado desse verbo, julgamos necessário tecer considerações a respeito do emprego do sufixo *-izar*, tanto diacronica- quanto sincronicamente. O verbo *parabenizar* apresenta um significado que destoa de outros verbos com o mesmo sufixo, o que pode explicar em parte o seu estranhamento pelos falantes do português europeu. Assim, propusemos que ele deva ser considerado um *quasi-hápx*, uma vez que é o principal elemento de um paradigma semântico de um elemento formativo.

Em relação à sua criação em fins do século XIX, buscamos identificar outras formações em *-izar* que podem ter servido de base para a sua formação, como *verbalizar*, *vocalizar* e *sonorizar*, todos com o significado de “transformar (um som) em X”, que passaria, por metonímia, ao significado de “proferir (um som) como X (no canto)” ou “pronunciar (um som) como X (em uma palavra)”. Por uma segunda especialização de sentido, teria surgido *parabenizar* como “dizer (a palavra) X (a alguém)”.

Por meio de pesquisas em fontes disponíveis *online*, foi possível traçar a história da difusão desse verbo: inicialmente, desde a sua criação até meados do século XX, predominou nas regiões Nordeste e Norte do Brasil, mais frequentemente em seu uso performativo e em contextos formais; a partir da década de 50 do século XX, ocorre a sua dicionarização e seu uso se difunde para outras regiões do Brasil, embora ainda seja sentido como neologismo por alguns; sua completa desneologização parece ocorrer a partir das décadas de 70 e 80 do século XX, com a sua difusão para outros países lusófonos na última década do século XX.

Referências bibliográficas

- AULETE, F. J. de Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Delta, 1958⁴.
- BAILEY, Nathan. **Dictionarium Britannicum: or a more compleat Universal Etymological English Dictionary**. London: T. Cox, 1736. Disponível em: https://archive.org/details/bub_gb_030pPyvwS9MC/page/n3/mode/2up. Acesso em: 26 jan 2021.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Aspectos da dinâmica do neologismo. **Língua e literatura**, v. 7, p. 185-208, 1978. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/lingueliteratura/article/view/138126>. Acesso em: 24 jan 2021.
- BAUER, Laurie. **Morphological Productivity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BUENO, Francisco da S. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**, v. 6. São Paulo: Saraiva, 1968.
- BUENO, Francisco da S. **Estilística brasileira: o estilo e sua técnica**. São Paulo, Saraiva, 1964.
- Correio da Tarde**, n.388. Rio de Janeiro, 05 jan 1895, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=384941&pesq=&pagfis=1210>. Acesso em: 26 jan 2021.
- d'OLIVEIRA, H. Maia. **Dicionário brasileiro ilustrado Edigraf**, v. 5. São Paulo: Edigraf, 1971 [1965].
- FREIRE, Ioam Nunez. **Os campos elisios**. Porto: Ioaõ Rodriguez, 1626. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=gywkxkRpxBoC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 26 jan 2021.
- GONÇALVES, Anielle A. G. **Diacronia e produtividade dos sufixos -agem, -igem, -ugem, -ádego, -ádigo e -ádiga em português**, Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-30112009-142459/pt-br.php>. Acesso em: 24 jan 2021.
- GONÇALVES, Carlos A. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.
- GONÇALVES, Carlos A. **Morfologia**. São Paulo: Parábola, 2019.
- GUERREIRO, Fernam. **Relação annal das cousas que fizeram os padres da Companhia de Iesus nas partes da India Oriental**. Lisboa: Iorge Rodrigues, 1605. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=XrHYPbsQayQC&pg=RA1-PA55#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 26 jan 2021.
- HORTA, Brant. **Elucidario para composição e redacção**. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1926.

HOUAISS, Antônio; VILLAR; Mauro. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Jornal pequeno, n. 54. Recife, 07 mar 1919, p. 2. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=800643&pagfis=28142>. Acesso em: 26 jan 2021.

Jornal do commercio: edição da tarde, n. 82. Rio de Janeiro, 08 abr 1919, p. 6. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=111988&pesq=&pagfis=14771>. Acesso em: 26 jan 2021.

LITTRÉ, Émile. **Dictionnaire de la langue française**. v.2, seconde partie. Paris: Hachette, 1869.

Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=h19LAAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=fr&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 26 jan 2021.

LÜDI, Georges. Aspects énonciatifs et fonctionnels de la néologie lexicale. *Travaux neuchâtelois de linguistique* (TRANEL), v. 5. Neuchâtel, 1983, p. 105-130. Disponível em:

http://www.unine.ch/files/live/sites/tranel/files/Tranel/05/L%C3%BCdi_105.pdf. Acesso em 26 jan 2021.

MARONEZE, Bruno O. **Um estudo da mudança de classe gramatical em unidades lexicais neológicas**. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2011. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-28092011-102939/pt-br.php>. Acesso em: 24 jan 2021.

MAURER Jr, Theodoro H. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MORAES SILVA, António de; FALCÃO, Agostinho de M. **Diccionario da lingua portugueza**, v.2 6a ed. Lisboa: Typographia de Antonio José da Rocha, 1858. Disponível em:

<http://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=BibObPub&pasta=Diccionario%20da%20Lingua%20Portugueza%20-%206%C2%AA%20edicao,%20Tomo%20II,%20F-Z&pesq=&pagfis=11067>. Acesso em: 26 jan 2021.

O Investigador Portuguez em Inglaterra, ou Jornal Literario, Politico, &c. Vol. 17. Londres: T. C. Hansard, 1816. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=VSoDAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 26 jan 2021.

OLIVEIRA, Solange Mendes. **Aspectos da derivação prefixal e sufixal no português do Brasil**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92636>.

Acesso em: 24 jan 2021.

- O paiz**, n. 12598. Rio de Janeiro, 08 de abr 1919, p. 9. Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_04&pagfis=42351. Acesso em: 26 jan 2021.
- O recreio**: revista semanal litteraria e charadistica. v. 17. Lisboa, 13/08/1894. Disponível em:
https://books.google.com.br/books?id=xeRDAQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 26 jan 2021.
- PEREIRA, Rui A. Formação de verbos. In: RIO-TORTO, G. M. et al (Eds). **Gramática derivacional do português**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016², p. 297-355.
- PHARIES, David. **Diccionario etimológico de los sufijos españoles y de otros elementos finales**. Madrid: Gredos, 2002.
- PICCOLI, Elbio P. **Momentos: contos**. Porto Alegre: AGE, 1994. Disponível em:
https://books.google.com.br/books?id=yi3sjYBY7hoC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 26 jan 2021.
- PICOLI, Larissa. **Descrição de verbos de base adjetiva derivados com os sufixos -ecer e -izar, para o processamento automático de linguagem natural**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santos, UFES, Vitória, 2015.
- PLAG, Ingo. **Morphological productivity: structural constraints in English derivation**. Berlin:New York, Mouton de Gruyter, 1999, p. 125
- RAE = Real Academia Española. **Nueva gramática de la lengua española: morfología, sintaxis I**. Madrid: Asociación de Academias de la Lengua Española, 2008.
- RODRIGUES, Nelson. As confissões de Nelson Rodrigues, capítulo 16. In: **O Globo**, pág. 2, 02/03/1968. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=196019680302>. Acesso em: 15 jan 2021.
- ROQUETE, J.-I.; FONSECA, José da. **Diccionario dos synonymos poetico e de epithetos da lingua portugueza**. Paris/Lisboa/Rio de Janeiro/São Paulo/Bello Horizonte: Aillaud, Alves & Cia/ Francisco Alves & Cia, [1848].
- SANTOS, Carla Elisa Ferreira dos. **Os sufixos -ec(er) e -iz(ar): um estudo sobre formações dicionarizadas e não dicionarizadas**. 2016. 186 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em:
http://www.ppglinc.letas.ufba.br/sites/ppglinc.letas.ufba.br/files/dissertacao_21.06.2016_-_definitiva_-_imprimir.pdf. Acesso em: 24 jan 2021.
- SIMÕES NETO, N. A. **O esquema X-ari- do latim às línguas românicas: um estudo comparativo, cognitivo e construcional**. 2020. 5 v. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) — Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em:
<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32014>. Acesso em: 15 jan 2021.

- VÄÄNÄNEN, Veikko. **Introducción al latín vulgar**. Madrid: Gredos, 1988 [trad. Manuel Carrion de *Introduction au latin vulgaire*. Paris: Klincksieck, 1981]
- VASCONCELLOS, José L. (ed.). **Revista Lusitana**, n. 3. Porto: Lopes & Co, 1895. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/etnologia-etnografia-tradicoes/192-192/file.html>. Acesso em: 26 jan 2021.
- VIARO, Mário E. **A derivação sufixal do português**: elementos para uma investigação semântico-histórica. Tese (Livre-docência em em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/8/tde-02022018-173614/pt-br.php>. Acesso em: 24 jan 2021.
- VIARO, Mário E. A especialização do sufixo latino *-arium*. In: Marçalo, M.J. *et al.* (Org.). **Língua portuguesa**: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. Évora: Universidade de Évora, 2010a, p. 22-42. Disponível em: <https://arquivo.pt/wayback/20170222132841/http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg53/04.pdf>. Acesso em: 24 jan 2021.
- VIARO, Mário E. Sobre a inclusão do elemento diacrônico na teoria morfológica: uma abordagem epistemológica. **Estudos de lingüística galega**, n. 2, p. 173-190, 2010b. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/1513>. Acesso em 24 jan. 2021.
- VIEIRA, Antenor. **Pequena enciclopédia da língua portuguesa**, v. 3: verbos regulares. Rio de Janeiro: Livros do Brasil, 1964.
- VIEIRA, Domingos. **Grande dicionario portuguez ou thesouro da lingua portugueza**, v. 5. Porto: E. Chardron & Bartholomeu H. de Moraes, 1874. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=W61CAQAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 26 jan 2021.